

# PACTO NILISTA

## UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A SOCIEDADE MODERNA E AS INSTITUIÇÕES “DOMESTICANTES” QUE A SUSTENTAM

ROGERIO CAETANO DE FARIA \*

### 1. O Pacto Nilista

Não sou céptico, nem místico, nem cientificista ou cultuador da metafísica. Não ergo bandeira alguma. Nenhuma causa me apetece. Sou minha própria tribo. “Todas as minhas esperanças estão em mim” (TERÊNCIO *in* MONTAIGNE, 1998, p. 39); “nada possuo senão a mim mesmo, e essa é uma posse em parte imperfeita e emprestada” (MONTAIGNE, 1998, p. 39-40). Sou um *mitolomicida*, um assassino de ídolos. Sinto-me fascinado pela subversão, obcecado pela heresia, apaixonado pelo novo, nauseado pelo velho e caquético. Minha alma permanece eufórica enquanto depara-se com o desconhecido. Não tenho apego por elemento de gênero algum. Encerro todas as convicções na minha inteira falta delas. As coisas só me são definitivas por enquanto! Traço minha própria sorte. Faço meu próprio destino. Sou casmurro. Sou niilista. O niilismo navalhante dos *sem-pátria*, *sem-deuses*, sem nada. O niilismo de quem paradoxalmente entende o tudo a partir do nada; de quem sabe exatamente do que foge, mas não o que procura (MONTAIGNE, 1998, p. 45). Sinto-me o próprio Quincas confidenciando o *humanitismo* a Cubas (ASSIS, 1999). Encarno toda a dor de Arthur<sup>1</sup>. Visto a necrofilia de Augusto<sup>2</sup>. Quem sabe esteja entre os homens raros, nascidos póstumos, que atendem ao chamado de Friedrich<sup>3</sup>. Não percorro a estrada do pensamento com leveza, como faria a meiga bailarina inspirando encanto e suavidade ao interpretar alguma obra clássica. O meu caminho é árduo. Não atravesso a linha da vida com candura e nem vivo molemente. Sou premido por sentimentos funestos. “A podridão me serve de evangelho” (ANJOS, 1997, p. 42). Sobrevivi às sete solidões, e isso é para poucos. Poucos são os que conhecem a grande dor; a dor que não se entende, vive-se. Ciente de minha incoerência, passo agora a ponderar sobre o imponderável. Quero falar tudo sobre o nada, pois “ama-se a vida, mas o nada não deixa de ter o seu

---

\* Professor de Ciências da rede pública de ensino do Distrito Federal, Brasil.

<sup>1</sup> Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX.

<sup>2</sup> Augusto dos Anjos, poeta brasileiro, um digno representante do chamado cientificismo literário.

<sup>3</sup> Friedrich Nietzsche, filósofo Alemão, que viveu entre os séc. XIX e XX.

lado bom” (VOLTAIRE *in* SCHOPENHAUER, 2000, p. 63). Desacato todas as autoridades nesse instante. Todos os demônios me pertencem nessa hora.

## 2. Um longo percurso

Sufoquei meu espírito de “ovelha”, abraçando a ingenuidade içada pelo humanismo. Depois, assassinei minha alma enquanto submetia meu espírito ao imperialismo científico. Afoguei meu humanismo fragmentado, submergindo os últimos cacos do meu gracejo humano. No seio da ciência me refugiei, e censurei tudo o que meu olhar empirista não podia alcançar. O cientificista é um bicho-de-sete-cabeças, um ser de olhos incorruptíveis, que pouco enxerga além do próprio nariz. Alves (2005, p. 90), compara a ciência fundamentalista a um bovino que, fisiologicamente, um ruminante, apresenta um aparelho digestório especializado num certo tipo de digestão, sendo ineficiente na degradação de outros tipos de alimentos. O cientificista, na sua frieza, é incapaz de sentir o calor que é próprio da carne humana, e, sem se dar conta, torna-se tão dogmatizado quanto qualquer um beato ao qual costuma chamar de iludido. Anjos (1997, p. 75) insinua a controvertida cegueira do sábio-douto, enquanto destila versos de impressionabilidade:

As radiantes elipses que as estrelas  
Traçam, e ao espectador falsas se antolham  
São verdades de luz que os homens olham  
Sem poder, no entanto, compreende-las

Após alimentar-me do raciocínio mórbido da ciência, pude expulsar de mim tudo que era “domesticante”, e, enfim, transcender o discurso alienante, superando a imundice de mitos decadentes que sustentam a civilização moderna. Ponderei ponto a ponto o que havia em mim de domesticado e desenraizei do meu espírito os “erros que antes pudessem ter se insinuado nele” (DESCARTES, 1998, p. 93). Autonomizando meu intelecto desenvolvi meus olhos. Hoje enxergo além do muro que esconde as inverdades desse mundo torpe; acordei do sono dogmático. Constatei o que Schopenhauer apontara (*in* DURANT, 1963, p. 60), vendo minha amargura crescer à medida que aumentava meu saber. Sofro, sobretudo, por saber que nunca saberei terminantemente de nada. Padeço do mal da *sábia estupidez*, pois, ao me instruir, cada vez mais descubro a minha ignorância (DESCARTES, 1998, p. 8). Morri e vivi algumas vezes nos últimos tempos, e, se estou aqui, é porque venho vencendo a batalha da existência; é porque quero mais, sempre mais. O que receio é a saciedade: prefiro decepcionar a desistir (MONTAIGNE, 1998, p. 33). Firme estou, vencendo o genocídio

de idéias encarnado por essa sociedade fantasmagórica, fundada sobre o terreno das criações imaginárias, por sua vez, incutidas nas mentes dos que, impotentes, percorrem uma trajetória surreal. Preso em si mesmo, o homem ignora a dor onipresente em sua caminhada árdua, contentando-se com migalhas de alegria, ao que Montaigne (1998, p. 21) acomete:

Percebo que a sociedade dos homens agüenta e persevera a qualquer preço. Seja qual for a base em que os homens são assentados, eles se empilham e arranjam, empurrando-se e amontoando-se, assim, como certos corpos mal unidos que metemos sem ordem no alforje encontram por si mesmos o modo de se unir e se colocar uns entre os outros, muitas vezes melhor do que o disporiam por força da arte.

Todo e qualquer componente social do nosso tempo é essencialmente um processo histórico, erguido sobre os escombros de outros tantos levados à ruína em virtude de não se mostrarem bons instrumentos de manipulação. A trajetória dessa civilização fora até aqui um processo de seleção bem mais cruel que quaisquer mecanismos introduzidos por Darwin. Somos, irrefragavelmente, filhos dos assassinos ou dos assassinados (VOLTAIRE, 1995, p. 171). E, destarte, a idade de uma instituição é sempre um indício de seu poder alienante, pois para exercer sua função domesticadora essa agência manipuladora precisa enraizar-se sociedade adentro. Nesse caso, a velhice é sempre um indicativo de força.

Para se entender a humanidade em sua natureza efêmera é preciso tocar-lhe no imo, sentir o sopro mortífero que vem dos seus pontos mais abissais. É preciso cortar na própria carne, num tipo de investigação suicida que te fará sentir-se sem chão. O plano em baixo de si ruirá por suas próprias mãos, e, nessa hora, eis a constatação – porque se trata de constatação, e não de posicionamento – que decisivamente redimensionará a forma como se relacionará com as coisas desse mundo alígero. Jogar-se-á do precipício da mentira, caindo no abismo profundo do niilismo, rumo à desmistificação dos fatos.

### **3. A caminho do nada**

Século XXI a dentro vamos nós: órfãos auto-enganadores, anestesiando a dor da solidão que nos corroe a alma; os animais “superiores” que basicamente compartilham seus genomas com os primos símios, uns “macacos catarríneos” (ANJOS, 1997, p. 93); os pseudo-rationais, submetidos a uma força instintiva que essencialmente

encerra todas as questões comportamentais<sup>4</sup>; as criaturas de notável capacidade sistemática, usada para organizar um conjunto complexo de regras que, em prática, infecundos, agridem o espírito humano, e nenhum de nós submete-se a elas por opção, mais sim por impotência<sup>5</sup>. Vamos nós, os filhos de Ghandi, hindus ou árabes, sedentos por sangue e de arma na mão; os escolhidos de Cristo, tão ricos e materialistas, vencendo na selva do capital, munidos de egoísmo e ferocidade insubordinada típicos do homem bruto<sup>6</sup>; os filhos de Alá, ansiosos pela morte como descanso do inferno terreno, crentes numa imortalidade que Schopenhauer (2000, p. 92) vê como o motivo para a maioria dos homens resistirem obstinadamente a aceitar a verdade nua e crua de que essencialmente são similares a quaisquer outros animais; os herdeiros da Judéia com sua anticlemência nas pendências fronteiriças. Seguimos nós, direto para o nada, pois só o nada existe, o resto é mera criação fantasiosa. No entender de Buda (2002, p. 75), existem dois extremos: um, em que tudo existe, outro, em que nada existe.

Tem-se uma sociedade idosa, mas que não transpassou o engatinhar. A humanidade é uma anciã com pavor do jovial. Nós, pobres de nós, ancorados, não conseguimos ir à tona para respirar. Teme-se a vida tanto quanto se teme a morte<sup>7</sup>. Moribundos nascidos da “peçonha inicia” (ANJOS, 1997, p. 99), temos que digerir a miséria humana como penalização pelos equívocos passados. E aceita-se o açoite passivamente. Como entende Rousseau (1989, p. 13), tendo em vista que qualquer soberania que um homem exerça sobre outro não se trata de um poder natural, foram então introduzidas as convenções sociais, tendenciosamente forjadas para garantir a dominação dos mais altivos sobre os homens de espírito perecível.

Transpassamos os últimos dez milênios como meros objetos da história, não como “igualmente sujeitos dela” (FREIRE, 1996, p. 77), traçando condutas que são meras adaptações e não “inserções ao mundo” (FREIRE, 1997, p. 54), como seres que não se integram ao cosmo, sendo “meros acidentes do universo” (ARANHA, 1993, p. 149). A cada terráqueo que nasce, outro indivíduo passará pelo mundo, como diz

---

<sup>4</sup> Para Freud (1997, p.55), *Eros* (amor) e *Anake* (necessidade) devem ser concebidos como os progenitores da civilização moderna. Schopenhauer (2000, p. 7), por sua vez, entende que o impulso sexual é a força por trás de quase todo o empenho humano, desencadeando frequentemente os piores e mais intensos combates, quebrando relacionamentos valiosos, destruindo laços íntimos; às vezes, vitimando a própria vida ou o bem-estar, as posses, o posto e a alegria, fazendo do outrora digno um inescrupuloso e traidor, espreitando por todos os lados como um diabo amargo, empenhado em tudo corromper e arruinar.

<sup>5</sup> Freud (1997, p.52) observa que a prática social da supressão da pulsão instintiva dos homens é um elemento presente ao longo da história em todas as culturas.

<sup>6</sup> Marx (2004, p.95) observa que, na sociedade capitalista, os indivíduos são uniformemente egoístas, gananciosos, despreocupados em relação às outras pessoas, vislumbrando apenas o lucro pessoal. Para Schopenhauer (2000, p. 15), o egoísmo é um traço intrínseco e disperso da individualidade em geral, sendo os fins egoísticos a base de toda empreitada individual.

<sup>7</sup> Para Schopenhauer (apud Durant, p.69), o homem medíocre é incapaz de assimilar a idéia da morte, e, por isso, funda tantas filosofias e teologias.

Voltaire (*in* DURANT, 1963, p. 52), “deixando-o tão tolo e mau quanto o encontrou”. Com suas passadas de quelônio, a civilização moderna transmite a impressão de que a humanidade caminha exultante para a remissão de todas as suas faltas, alcançando uma absolvição que simboliza o direito a um descanso paradisíaco. E desmanchar as teias de aranha que fada cada um a uma existência imóvel e reumática, sinalizar a mácula por trás das questões humanas, tudo isso é entendido como uma afronta ao percurso natural de “purificação” do ser, uma depreciação do projeto divino para o homem. Nietzsche (2001, p. 227) considera que, no desenlace histórico da civilização moderna, toda forma de “elevação” do espírito humano corresponde à manipulação feita pela camada “distinta”, que vislumbra na sectarização da sociedade, a partir do estabelecimento de uma espécie de escala hierárquica, uma maneira eficaz de escravizar o substrato social, deixando evidente que existe uma “diferença” no valor de homem para homem.

#### **4. O poder domesticante**

O esqueleto taciturno que serve de sustentáculo para a civilização moderna encontra-se suportado por alguns pilares fundamentais. Estes foram trabalhados ao longo da história por homens que dali extraíram vantagens que lhes garantiram sobressaírem na dinâmica social. Por mais impoluto que pareça um segmento, ainda assim faz parte de um corpo gasto e contaminado (MONTAIGNE, 1998, p. 79). Os institutos sociais são tramados de forma que possam ser verdadeiras facas afiadas, no momento de atacar os “subversores” – e qualquer um que não obedeça à lógica consensual será tachado de desqualificado para a vida “civilizada”; vide os loucos, os “bandidos”, os ateus, os “imorais”, etc. – e escudos, no momento em que esteja arriscada a manutenção da máscara que esconde a face corrupta dos hipócritas e dissimulados, detentores de monopólios sociais conquistados sob o emprego de suas “sabedorias de serpente misturada à inocência da pomba” (TELLES, 2000, p. 43). Como são verdadeiras todas as mentiras do nosso tempo; e como são mentirosas todas as nossas verdades! Como aponta Rousseau (1989, p. 50), escrever em tábuas e papiros, construir instrumentos de previsão, falsear um contato com deuses, ensinar animais a dissimular, entre outros métodos toscos, podem ser empregados visando à dominação de dados segmentos sociais sobre outros. Os homens de almas menores optam pelas carreiras ortodoxas porque nelas terão a blindagem que necessitam para vencerem, ainda que sejam uns perdedores por natureza.

O espírito caprino incrustado no humano facilita a sua doma. Dócil, o *homem-ovelha* asila a morte que se desenha lentamente enquanto percorre a trilha até o

matadouro. “A canga fez-se para o boi” (BANDEIRA, 2000, p. 42). Esse bicho exótico, de percurso bizarro, é incapaz de reagir ao câncer que lhe corroe o cerne. O território humano é área bem propícia ao plantio de *memes*<sup>8</sup>, pois nessa terra toda ação é uma mobilização, todo pressuposto tem raiz coletiva, e o rebanho é mais passível de manipulação do que um triste ser apenas. Em todas as culturas, sublinha Rousseau (1989, p. 147), as escolhas dos homens, incluindo seus prazeres, são direcionadas pelas concepções consensuais.

#### **4.1. Acordo maldito: instrumentos sociais de “domesticação” e suas relações**

As carcomidas entidades – que, são, em essência, criações sociais, e, portanto, são fantasias humanas – transmitem a imagem de uma certa mobilização no sentido de ajustar a sociedade a partir do que se estabelece como “bem” e “mal”. “Guardar ou gastar são em si coisas indiferentes e só adquirem coloração de bem ou de mal segundo a aplicação de nossa vontade” (MONTAIGNE, 1998, p. 20). Não têm qualquer valor, para Rousseau (1998, p. 154), as entidades que essencialmente contrapõem o homem a si mesmo, à sua natureza livre. Uma assembléia de verdades promíscuas encorpa a sociedade moderna, maquiando costumes monstruosamente desumanos e desleais, que Montaigne (1998, p. 21) diz não poder concebe-los sem horror, admirando e detestando-os inevitavelmente com intensidades semelhantes. Não seria difícil apontar dezenas dessas inverdades, contudo, fomenta-se os três mais relevantes alicerces da forja social: a política - caminho para alcançar o domínio do estado, na sua propensão de manter o povo na estupidez da submissão a qualquer divindade (VOLTAIRE, 1995, p. 21) - a educação - reprodutora de mitos e formadora de legiões de oprimidos incapazes de enxergar a óbvia razão do seu sofrimento na crueldade do sistema social (FREIRE, 1996, p. 83) - e a igreja - mãe e disseminadora eficiente de “fantasmas” e unificadora dos cidadãos espirituais, nascidos em uma pátria de outro mundo (ROUSSEAU, 1989, p. 156).

Nas senzalas multirraciais hodiernas, os escravos contemporâneos cumprem a sina de percorrerem uma vida sem luz: o estado – na mão do gênero mais miserável de gente (o dogmatizado) - rege a conduta social; a educação poda os espíritos livres; a

---

<sup>8</sup> Richard Dawkins, no seu “O gene egoísta”, forja o termo como um equivalente filosófico ao conceito de gene – um elemento com potencial multiplicativo – insinuando que alguns pressupostos (Deus, felicidade, salvação, castigo, inferno, sociedade, matrimônio, educar, civilizar, etc.) são concebidos e passam a instalarem-se e replicarem-se continuamente passando de mente para mente.

igreja amansa as almas inquietas. Submetendo-se a essa ótica nefasta, o homem segue “encabrestado” puxando uma carroça com carga de 100 toneladas, transportando uma sociedade gorda, desajeitada, sedentária, com um vestido de retalhos costurados sem nenhuma elegância e uma caixa cheia de porcelanas quebradas durante o trajeto. Tem-se a gorda deselegantemente trajada com vestido de trapos (os farrapos humanos), louças trincadas (os cacos do mundo); o elefante branco, a obra mal projetada, o empreendimento inviável.

## 5. Transcendendo todos os discursos

A sociedade é uma enorme roleta em que os indivíduos socializados apostam suas fichas num futuro incerto. Numa partida que perdura por mais de seis milênios, os apostadores vêm perdendo para a banca, que, dando as cartas, manipula impunemente os resultados. Iludidos, os jogadores revesam na disputa contra a “casa”, entretanto, a sorte nunca parece virar para o lado dos desafiantes. Os donos da banca, às vezes, permitem que os moribundos adversários ganhem, e conseqüentemente fiquem mais eufóricos, menos insatisfeitos e questionadores<sup>9</sup> - o que, como sugere Montaigne (1998, p. 5), não passa de recreações que nutrem um povo mal cuidado, dissimulando o seu absoluto esquecimento. Para Freud (1997, p. 72) o homem civilizado intercambiou boa parte das suas chances de ser feliz por mínimas cotas de comodidade. A sociedade atual encontra-se espedada por pilastras apodrecidas pelo tempo. Na “quimera” social moderna todo pilar que ainda se encontra de pé é, em essência, uma ferramenta de domesticação notadamente eficaz no que concerne ao papel que desempenha e desempenhou historicamente. Se hoje emergem instituições dentro da dinâmica social, é porque a longevidade as coroou pelo exercício sólido da manipulação. Estado, política, educação, religião, entre outros frutos de uma logística apurada, são preceitos basilares da nossa era, ainda que arrazoados há muito tempo, desde o dia em que a raça humana decidiu arranjar-se em “colônia”, firmando um pacto de recíproco escárnio. Esse é o melancólico quadro social a que nos vemos envolvidos.

Se removêssemos a maquiagem que disfarça a pele enrugada da civilização moderna, depararíamos com uma imagem diabólica, sentiríamos, sem corte, o quanto de inferno tem o nosso paraíso. Os homens percorrem uma vida de privações severas, mas, entorpecidos, sorriem para o mundo, como se este merecesse ser louvado por ofertar as migalhas que mediocrementemente lhes garante o sustento físico. A vida civilizada não passa

---

<sup>9</sup> A democracia, a salvação, a paz, etc., são “benefícios” “conquistados” que acalentam os espíritos naturalmente inquietos dos homens. Todas as aquisições sociais que julgamos ter alcançado são sobejos de uma liberdade que já desabrochou em putrefação, são garantias falsárias de paz.

de uma existência miseravelmente submissa, uma conduta medianamente obediente, uma trajetória insignificamente bizarra. O homem está tão fadado à servidão quanto qualquer boi-de-carga que julga dominar. O homem é tão lanígero quanto qualquer ovelha, e tão homem quanto qualquer símio o é. Nos últimos dez mil anos os homens têm ordinariamente regredido à consciência bestial de um asno. Um animal de granja, calculadamente nascido para produzir uma quantidade  $x$  e morrer. A sociedade moderna configura-se como um grande curral, onde os barões da pecuária – uns “crapulazinhos” premiados por sobressaírem astutamente nos vaivens da livre iniciativa – mantêm-nos, nós, os animais de ordenha e corte, supridos com o *minimum*<sup>10</sup>. Nossa facécia de vida bovina tem hora marcada para começar e terminar, e, quanto à produção, essa deve obedecer às projeções feitas pelos pastores: os homens produzem em vida exatamente o que seus antepassados produziram, nada é acrescentado.

Uma índole casta enraizou-se por toda a alma humana, sendo preciso, como Nietzsche (2001, p. 245) aponta, evocar alentos antagônicos descomunamente fortes para se poder suprimi-la. Uma certa percepção herbácea, de conjuntura hierarquizada, engoliu-nos todas as vontades, estas sim, constituintes fundamentais do que há de verdadeiramente natural no ser humano - todo o resto é cultural, é sintético, é artificial, é manipulação *in vitro*. Tendo o seu instinto amansado, o homem deixou de ter vontades, passando a ter flashes altruístas. Atualmente toda aspiração deve ter um fundo coletivo. Alguns dirão ser a democratização das reivindicações, o que não esconde a face duvidosa dessa pseudodemocracia. Qualquer argumento que desdiga a vontade ou a propensão à autobenfeitoria própria do homem foi, é e será sempre um ato de pastoreio. Travestida de anseios grupais, a tendência opressora, procedente das vertentes dogmatizantes, estabelece-se como vontade popular, sendo incorporada ao discurso pseudodemocrático. Segundo Freud (1997, p. 71), é fácil reunir um número significativo de indivíduos em torno do “amor”, desde que restem outros tantos sobre os quais possa ser derramado o instinto agressivo. Os homens relacionam-se socialmente sem atermem-se à desgraçada opressão que sofrem em vida. Irritantemente, o fogo humano parece “incuravelmente feliz” (BACHELARD, 1999, p. 6). Contentamento é, em geral, descontentamento amedrontado e travestido. Para Schopenhauer (*in* DURANT, 1963, p. 67), só é feliz quem tem a cegueira dos jovens, pois esses enxergam alegria na infatigável busca e na realização dos desejos, não se dando conta de que esses são insaciáveis e, por conseguinte, a suposta realização é mera ilusão. Schopenhauer (2000, p. 111) entende ainda que todos os homens tem uma natureza constituída de tal maneira que impossibilitaria qualquer possibilidade de felicidade, independente do mundo no

---

<sup>10</sup> Termo cunhado por Marx (2004, p. 93), para designar um salário recebido que serve apenas para saciar as necessidades fisiológicas básicas, como alimentação, mínimas vestimentas, etc.

qual vivessem, pois mesmo que num primeiro momento pudessem afastar e a necessidade, não poderiam fugir da monotonia que, por sua vez, traria um novo ciclo de si a fadiga de necessidades, flagelo e amargura.

As forças dominantes profanam o âmago da alma humana – que é inquebrantável - despertando um instinto de fraqueza, e, uma vez convencido da sua fragilidade, qualquer espírito torna-se servil. Destarte, a faculdade da consciência faz do homem um medroso (FREUD, 1997, p. 97). Fragilizado, o espírito humano debanda, foge da crueza dos fatos, fecha os olhos para o certo, e dificilmente emergir-se-á uma alma acovardada, pois, como aponta Sêneca (in MONTAIGNE, 1998, p. 11), “ninguém consegue opor resistência quando começa a ceder”.

O homem se perdeu; seu espírito fora torturado até confessar seus últimos ensejos; desde que lhe cortaram os membros como punição pela incontinência que lhe era peculiar; desde que lhe entorpeceram e plantaram-lhe na cabeça lendas pútridas. Nada é sólido, tudo é inconsistentemente imaginário. À luz do destemor não há elemento que não se arruíne. Tudo é cultura, é alegoria, é nada. A saga humana é um mero desvario cinematográfico, uma fábula *trash*. O mundo é uma alucinação, a sociedade um frenesi, o próprio homem, uma metáfora, e talvez tudo o que eu disse até agora não passe de mero delírio da minha mente.

#### **REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:**

- ALENCAR, Chico & GENTILI, Pablo. 2003. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. 4. ed. Petrópolis: Vozes;
- ALVES, Rubem. 2005. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola;
- ANDRADE, Mário. 2000. *Melhores Contos*. 8. ed. São Paulo: Global;
- ANJOS, Augusto dos. 1997. *Melhores poemas*. 2. ed. São Paulo: Global;
- ARANHA, Graça. 1993. *O meu próprio romance*. São Paulo: Companhia Editora Nacional;
- ASSIS, Machado de. 1999. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Klich, Coleção Vestibulares, Jornal Estadão;
- BACHELARD, Gaston. 1999. *A psicanálise do fogo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes;
- BANDEIRA, Manuel. 2000. *Melhores Poemas*. 13. ed. São Paulo: Global;
- BUDA. 2002. *Vida e pensamentos*. São Paulo: Martin Claret;
- DESCARTES, René. 1998. *Discurso do método*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes;

- DURANT, Will. 1963. *A filosofia de Schopenhauer ao seu alcance*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, Série *Edições de ouro*;
- FREIRE, Paulo. 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra;
- FREUD, Sigmund. 1997. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago;
- MARX, Karl. 2004. *O Capital* - Extratos por Paul Lafargue. São Paulo: Conrad Editora do Brasil;
- MONTAIGNE, Michel de. 1998. *Sobre a vaidade*. São Paulo: Martins Fontes;
- NIETZSCHE, Friedrich. 2001. *Além do Bem e do Mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: WVC;
- ROUSSEAU, Jean J. 1989. *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes;
- SCHOPENHAUER, Arthur. 2000. *Metafísica do Amor. Metafísica da Morte*. São Paulo: Martins Fontes;
- TELLES, Ligia F. 2000. *Melhores Contos*. 10. ed. São Paulo: Global;
- VOLTAIRE. 1995. *Deus e os homens*. São Paulo: Martins Fontes.